

## A Pedagogia Freinet : Natureza, Educação e Sociedade

Nascimento, Maria Evelyn Pompeu do. A Pedagogia Freinet: Natureza, Educação e Sociedade. Campinas, S.P: Editora da UNICAMP, 1995.

### INTRODUÇÃO

A repercussão do trabalho do educador francês Célestin Freinet no Brasil percorreu caminhos contraditórios, talvez tão contraditórios quanto o próprio conteúdo e contexto de construção de sua obra. Geralmente ausente dos currículos das escolas de formação de professores, mesmo em períodos mais atuais, Freinet sustentou boa parte das iniciativas de consolidação de projetos de educação “alternativa” gestadas, sobretudo nas décadas de 70 e 80 na maioria dos centros urbanos brasileiros. Estas experiências sejam por sua natureza revolucionária, seja pelas próprias estratégias pedagógicas que propunham davam respostas concretas àqueles que buscavam se contrapor aos tradicionais modelos educativos pautados na individualidade, na submissão e na reprodução de modelos únicos.

### DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO

É exatamente neste contexto que a autora situa a sua própria experiência como educadora, que resultou no trabalho de pesquisa que originou este livro, buscando refletir sobre as bases, as concepções, e as contribuições da pedagogia e do pensamento de Freinet, que como ela bem indica ao iniciar seu trabalho, é “um pensamento construído através de experiências concretas, conselhos práticos, sonhos e reflexões, citações bíblicas, expressões de humor e de poesia”.

Com o intuito de apreender alguns dos conceitos mais recorrentes da obra de Freinet, tais como: natureza, liberdade, trabalho, cooperação, felicidade, harmonia, Maria Evelyn organizou este livro de 79 páginas basicamente em três partes: I. A Pedagogia Freinet; II. Educação e História; e, III. Por uma avaliação crítica de Freinet, compostas cada qual de sub-ítemns responsáveis por um desenvolvimento mais específico dos temas.

A primeira parte dá ao leitor uma visão geral das técnicas Freinet e de seus fundamentos calcados nas idéias de natureza, de ênfase na sensibilidade e indissociabilidade do individual e do coletivo. Por sua trajetória de vida marcada pelo contexto social e político de seu tempo, pós-guerra e fortalecimento de regimes totalitários, Freinet constrói um projeto educativo original criando ações pedagógicas baseadas no trabalho, na vida, na construção e na cooperação. Para ele era preciso captar a vida das crianças tornando a educação significativa com técnicas que possibilitem a entrada da realidade social na escola, pois “só a vida educa”. Daí suas técnicas pedagógicas, da aula-passeio e do texto-livre à imprensa e a correspondência inter-escolar serem pautadas na liberação do pensamento e da criatividade, nascerem também da sua experiência vivida e não de uma formação acadêmica.

Ao orientar-se pela idéia da “prática a partir da vida”, como bem identifica a autora, Freinet pretende a exemplo de Rousseau “formar o homem de amanhã em contato com a

natureza”, colocando na educação - no artificial - o caminho para a volta à harmonia do “Estado de Natureza”. Para ele este processo se concretiza pelo trabalho como uma das condições da vida, da própria natureza.

A segunda parte do livro voltou-se para o aprofundamento das bases conceituais sobre as quais se fundaram os projetos de educação e sociedade que Freinet almejou consolidar, numa constante oscilação entre o utópico e o concreto. Ao caracterizar aquilo que chamou de “o idealismo de Freinet”, a autora reconhece a utopia deste educador ao vislumbrar uma nova estrutura de escola que possibilitaria a instauração de uma sociedade mais justa. Esta expectativa corresponde aquela que recentemente temos visto ser delineada por educadores que mantêm a esperança em reorientar a contribuição da escola para a construção do novo: “ao mesmo tempo em que é vista como reprodutora das relações sociais, ela é um espaço onde as contradições se manifestam”. Todavia em Freinet esta superação não se situa no plano social, mas nas próprias aptidões individuais, que poderão via a cooperação desenvolver sentimentos básicos para a convivência democrática, pretendendo ao extremo como fizeram muitos dos educadores românticos, fazer da escola uma micro-sociedade em harmonia, que acarretaria numa melhoria da sociedade como um todo.

De fato aquilo que para Freinet se consolidará como a própria “Pedagogia do Bom-Senso”, desconsidera as estruturas sociais que extrapolam as virtudes e a harmonia que possam pretender os indivíduos, e acabam por configurar-se num projeto educativo próximo a um resultado “surrealista”. Por outro lado viabiliza ações pedagógicas que concretamente conseguem instalar formas absolutamente antagônicas às tradicionais, fundamentando-se “nos meios de vida e de trabalho do meio não escolar, ou seja do meio vivo”.

A visão de uma pedagogia voltada para a vida e orientada por uma idéia de natureza infantil, já amplamente discutida por Bernard Charlot em sua obra “Mistificação Pedagógica” é identificada pela autora em Freinet como uma concepção de igualdade, própria do Estado de Natureza. Assim como o fazia Rousseau, Freinet aposta na infância, com sua bondade inerente, e na educação, via o educador, para combater a sociedade corrompida, pois também para aquele, o homem das luzes será capaz de manter o equilíbrio entre o “amor de si” e a “piedade”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na parte final a autora faz valer um profícuo diálogo com diferentes interlocutores (e com ela mesma), revelando uma análise onde ao mesmo tempo, a familiaridade e o distanciamento permitem uma visão lúcida e desmistificadora.

Desmistificadora quando permite descortinar o lugar da infância idolatrada, que, contudo não ocupa no projeto pedagógico de Freinet um lugar de atuação social compartilhada com o adulto, mas sim a ele subordinada. Desmistificadora também, quando aponta para a insuficiência de modelos éticos e pedagógicos dissociados do que caracteriza a própria organização social em um determinado tempo histórico, acabando por estabelecer modelos com princípios “abstratos e universalmente aplicáveis”.

Lúcida, sobretudo por afirmar toda pedagogia como social e ideológica, e por reconhecer na Pedagogia Freinet “um projeto que se a princípio acredita na escola como um espaço onde as contradições se manifestam, podendo contribuir para a formação de um “novo” homem, no interior da “nova” sociedade socialista. Este projeto inicialmente

orientado pela noção de trabalho como meio para a “escola do povo”, acaba por defini-lo como uma necessidade natural: “meio pelo qual progredem todos os seres vivos”.

Por fim, a autora estabelece uma interessante identificação da utopia de democracia e paz em Rousseau e Freinet, apontando deste prisma uma contribuição para o que definiu como uma “educação conforme os direitos humanos”, uma vez que Freinet admite a ambigüidade como direito humano a ser concretizado no cotidiano escolar nas relações entre liberdade / disciplina; educação / trabalho; cooperação e individualidade consciente.

Percorrer esta leitura propicia a todos os interessados em educação estabelecer um diálogo com suas próprias perspectivas educativas e sociais, especialmente aos educadores que atuam na escola ou fora dela.

Eloisa Acires Candal Rocha  
Prof da Universidade  
Federal de Santa Catarina